

Revista da Extensão

Jul 2013 / N°6
ISSN 2238-0167

Entrevista com o professor
José Maria Wiest

Apresentações de Música
Eletracústica na UFRGS: extensão
inovadora

Atividade extensionista e
multidisciplinaridade: reflexão sobre
os efeitos das interações sociais e
conexões de saberes na perspectiva
das Ciências Sociais

Carrinho (d)e boneca: práticas
extensionistas e promoção da
equidade de gênero

Uma avaliação sobre a assistência
pré-natal no município de Xangri-Lá

Protagonistas do MNLM Movimento
Nacional de Luta pela Moradia

Promoção da saúde na escola: um
desafio possível de enfrentar

Atuação discente em ações de
educação em saúde ambiental e
vigilância sanitária em comunidade
urbana reassentada

Prática em falência e recuperação
de empresa: um espaço para estudo
e construção do conhecimento da
liberdade negocial

A extensão universitária como
ferramenta para iniciação à docência

A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul


UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
PROEXT

21 a 25/10/2013





Foto: Pamela Ferrer

Protagonistas do MNLN

Movimento Nacional de Luta pela Moradia

Denise Comerlato | Faculdade de Educação – UFRGS
Caroline Stumpf Buaes | Escola de Psicologia IMED – Passo Fundo

Protagonistas do MNLN – Movimento Nacional de Luta pela Moradia – foi uma ação de extensão desenvolvida pela Faculdade de Educação da UFRGS na Ocupação 20 de Novembro. Local que abrigou mais de 20 famílias em área próxima ao centro da cidade de Porto Alegre, no período de 2007 a 2012. Nossa ação produziu um documentário em DVD¹ e registros fotográficos com o objetivo principal de contribuir para a visibilidade social do Movimento e de sua principal luta: a Reforma Urbana. Na trajetória de sua

realização, que recebeu apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT-UFRGS), somaram-se vários colaboradores².

O grupo de famílias com o qual se desenvolveu a ação de extensão é, em grande parte, remanescente de uma ocupação ocorrida no dia 20 de novembro de 2006, daí chamar-se Ocupação 20 de Novembro. Naquele dia, militantes do MNLN, juntamente com suas famílias, ocuparam um prédio situado no Centro de Porto Alegre e tornaram-se, na época, referência nacional no

debate acerca da utilização de imóveis que, ao permanecerem ociosos, não cumprem sua função social. Em 23 de março de 2007, as 36 famílias que residiam no prédio foram despejadas com uso da força policial e assentadas, “provisoriamente”, em uma área pública na Avenida Padre Cacique, próxima ao estádio de futebol Beira-Rio.

Ao longo dos anos, o local de moradia das famílias foi sendo ampliado, conquistando cada uma um espaço próprio, mesmo que pequeno. Também foi construída uma infraestrutura de banheiros e cozinhas coletivas que deram suporte aos que permaneceram no local. A Ocupação também desenvolveu novas formas de trabalho coletivo a partir da constituição de uma cooperativa com base na economia solidária.

Nosso ingresso no grupo se deu em 2010, a partir das ameaças de despejo sofridas pelos moradores da Ocupação em razão dos projetos da Copa do Mundo de 2014. A desocupação da área se consolidou em agosto de 2012 com a transferência das últimas famílias para outros locais, em diferentes soluções negociadas com a prefeitura de Porto Alegre.

Durante esses anos, acompanhamos e registramos, em fotos e em vídeo, a vida na Ocupação. Sendo que a realização do documentário, com ênfase em depoimentos dos moradores, adquiriu um valor pedagógico na medida em que abriu espaço para aprendizagem de algo novo, através da partilha de experiências e práticas de diálogo na construção do conhecimento. O trabalho de extensão também passou a ser investido de um valor político na medida em que se desejou contribuir para transformações da vida social.

Este texto retoma depoimentos dos seus moradores registrados para a produção do documentário. Os recortes dessas falas, as narrativas, buscarão guiar nosso olhar nos percursos realizados pelos integrantes da Ocupação ao se constituírem como protagonistas de uma luta social. Para tanto, nos valemos especialmente da educação popular (BRANDÃO, 2006), enquanto fundamento teórico para compreensão e análise da realidade e como metodologia de ação junto ao Movimento, cujas raízes nos remetem a Paulo Freire.

A escolha em trabalhar com as narrativas dos moradores da Ocupação decorre da compreensão freiriana de que é a linguagem o próprio meio de constituir os significados, pois as palavras são carregadas de significação da nossa realidade existencial. É por meio da linguagem que a reflexão e a elaboração da experiência ocorrem, sendo este um processo tanto pessoal quanto, e ao mesmo tempo, profundamente social.

História do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN)

De acordo com informações publicadas³, o Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN) foi criado em julho de 1990, no I Encontro Nacional dos Movimentos de Moradia e com representação de 13 estados. Sua origem remonta à reunião e à articulação de diferentes grupos e movimentos, depois das grandes ocupações de áreas e conjuntos habitacionais nos centros urbanos, deflagradas principalmente na década de 1980.

Enquanto Movimento, surge com a proposta de acabar ou minimizar o déficit habitacional, através do estímulo à organização e articulação nacional

1. “A Copa dos 20 de Novembro”. Direção de Giancarla Brunetto e Mauro de Souza. Lançado em 2012.

2. O Projeto recebeu apoio da PROEXT com dois estudantes bolsistas: Ceniriane Silva e Ismael Gomes. Teve participação central nesta produção a Liga dos Direitos Humanos da UFRGS, sob a coordenação de Giancarla Brunetto, dos fotógrafos Paloma Ferrer, Gabriel Soares e Sandra Mara Fagundes de Souza, da artista plástica Adriana Xaplin, além de muitos outros estudantes voluntários que, de um modo ou de outro, contribuíram para a realização do trabalho. Colaboraram também para essa reflexão teórica as professoras Jacqueline Pólvora (UNILAB) e Margareth Schaffer (UFRGS).

3. <http://www.forumreformaurbana.org.br> | <http://mnlm-rs.blogspot.com> | <http://ocupacao20denovembro.blogspot.com>



Foto: Gabriel Soares

dos movimentos de luta pela moradia. De modo geral, é constituído por sem-tetos, inquilinos e mutuários endividados, ocupantes de áreas de risco, famílias com filhos ou jovens casais desalojados, oriundos da periferia, que se organizam unificando suas lutas pela conquista da moradia e o direito fundamental à Cidade. O debate da Reforma Urbana compreende não apenas a questão da casa, mas todo o seu contexto: educação, saúde, economia, trabalho, comunicação, meio ambiente, mobilidade urbana, relações humanas.

O MNLM representa um dos grandes movimentos nacionais de luta pela moradia, cujas lideranças têm reivindicado, ao longo das últimas décadas, a implantação efetiva da lei, em especial, o Estatuto da Cidade de 2001 que enfatiza a função social da propriedade e da cidade. Os militantes do MNLM questionam, ainda, a política urbana que produz o contínuo processo de periferização e favelização, criando núcleos cada vez mais afastados do centro da cidade e desprovidos de qualquer infra-estrutura.



Foto: Pamela Ferrer

As ocupações organizadas pelo Movimento não se confundem com improvisações coletivas de um teto, dado a urgência do morar. O espaço conquistado de uma ocupação é a base da luta política e condição para a negociação de habitações efetivas e de qualidade social. Em alguns casos, as ocupações temporárias são realizadas como modo de denunciar os prédios ociosos do centro da cidade, sejam públicos ou privados. As lutas que se travam neste campo poderiam fazer convergir duas políticas públicas para o espaço urbano, as que dizem respeito à reocupação dos centros das cidades - abandonados e desvalorizados na era dos shoppings centers - e à necessidade de habitação popular.

Na voz de um morador da Ocupação 20 de Novembro:

“Quando alguém ocupa uma área verde, ou monta uma lona em uma praça, quer dizer que ela está buscando um lugar para morar, diferente da pessoa que quer ficar na rua. Isso já é, mesmo que de forma simbólica, um modo de dizer que as coisas não estão legal, que existe um problema social da falta de moradia. Alguma coisa está errada, é a propriedade privada, é a concentração de renda [...] e a polícia não consegue fazer outra coisa a não ser defender a propriedade privada [...] em algumas ações do MNLM se junta um grupo de pessoas que estão na beira de um riacho ou estão morando de aluguel e não estão conseguindo pagar, estão para ser despejadas, começam a se organizar. Juntam vinte ou trinta famílias, se faz uma pesquisa de áreas que estejam sem uso, que não tem razão para não ser usadas para moradia, geralmente áreas públicas, mas também particulares que estão em desuso há muito tempo, e que possam dar uma certa infra-estrutura pras pessoas, que tenha água e que não sejam áreas muito distantes. O Movimento nasce com essa luta pela casa, mas quer muito mais do que isso.” (homem, 26 anos)⁴

Na luta, os sujeitos vão se produzindo enquanto protagonistas ao transformarem a sua realidade por meio de uma ação consciente. Também a luta vai se transformando, quando os seus militantes percebem que a conquista da moradia não é suficiente para garantir os direitos do cidadão, e ampliam a luta com uma nova bandeira pela Reforma Urbana.

O cenário da “ocupação 20 de novembro”

Vinte e três famílias, mais de 60 pessoas, são elas que ocuparam uma área próxima ao centro da cidade, ao lado de um grande estádio de futebol de Porto Alegre, em frente ao Lago Guaíba. Um espaço nobre pela localização privilegiada. Crianças, jovens, mulheres, homens e idosos andavam entre os corredores da casa principal e por uma série de casebres ao redor dessa, constituindo o espaço da Ocupação 20 de Novembro.

O espaço da Ocupação, apesar de precário, estava muito bem dividido e organizado. As casas sem forro no teto, sem piso no chão, com paredes sem tinta, eram compensadas por pinturas coloridas, grafites e cartazes da luta. O pátio era usado durante o dia pelas crianças que brincavam, pelas mulheres que penduravam roupas no varal, pelos diferentes moradores que se sentavam em roda para conversar ou discutir algum tema. À noite, o pátio se transformava em estacionamento para a população da cidade que vinha assistir aos jogos do Internacional ou ouvir música e dançar na quadra de samba ao lado, gerando a principal renda da Ocupação.

Nem todos os moradores trabalhavam exclusivamente na Ocupação, apesar de todos receberem tarefas coletivas de organização do espaço de moradia e de luta política. O não cumprimento das tarefas coletivas significava

4. As falas utilizadas neste texto foram, na sua maioria, gravadas em vídeo. Algumas narrativas e/ou diálogos foram registrados por escrito em diário de campo. O uso das falas neste texto foi autorizado pelas pessoas implicadas. Para ter-se alguma referência do sujeito, optou-se por apresentar, entre parênteses, o sexo, a idade e o número de filhos, quando há.

também o questionamento do grupo em relação à permanência dos sujeitos e suas famílias no Movimento, podendo chegar à expulsão.

A vida na Ocupação podia ser dura em muitos aspectos, mas ao mesmo tempo era muito alegre. As festas eram frequentes, talvez por conter um contingente grande de jovens. As crianças, ali, tinham seus cuidados compartilhados entre os jovens e adultos em um espaço social amplo. A Ocupação também protegeu mulheres vítimas de violência, idosos abandonados, ex-moradores de rua que perderam o vínculo com suas famílias, entre outros. Mas o que os uniu não foi o histórico de pobreza e violência, mas a luta pela reforma urbana, juntamente com a garantia dos direitos humanos. Do contrário poderiam se estabelecer em qualquer outra área de ocupação da cidade, que formam as vilas e favelas, com gente com histórias de vida semelhante.

Abaixo, uma moradora da Ocupação nos indica suas representações acerca do Movimento, ao produzir o paradoxo entre invasão e ocupação, entre utilização e contravenção.

“Eu não sou invasora, eu ocupo uma área que estava sem função social, um espaço que não está tendo utilidade, então a gente vai e ocupa o espaço para em um momento legalizar [...] tanto espaço vazio há anos e não fazem nada [...] esses lugares ficam servindo para a prostituição, pra drogadição, esse tipo de coisa, várias contravenções. Quando eu falo isso pras pessoas fora do Movimento, elas ficam pensando [...] hoje já existem várias leis no papel, mas até elas chegarem a operar, tem uma diferença muito grande.[...] A injustiça social é uma coisa que me indigna bastante [...] tanto espaço vazio [...] é tudo na base da grana e a gente não rende nada pra eles...eu acho que é essa a visão que eles tem de nós [...]”. (mulher, 45 anos, dois filhos)

A fala da moradora recupera um lugar de dignidade aos protagonistas da Ocupação pois, ao serem vistos como agentes de lutas sociais, disputam um modelo de sociedade que sob seus olhos colabora contra a contravenção e a injustiça social.

Narrativa e experiência

Podemos considerar a narrativa como uma arte que implica múltiplos sujeitos que, ao narrarem suas experiências, ao ouvirem as experiências de outrem, transformam a si mesmos e aos outros. O narrar e o compartilhar experiências são instrumentos de luta poderosos para reconhecer e ultrapassar as dimensões históricas e concretas de uma realidade que subordina e violenta a dignidade humana. Pois no momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva homens e mulheres, individual e coletivamente, a empenhar-se na superação da situação de opressão (FREIRE, 1987).

“Eu era uma pessoa muito tímida. Eu não falava com ninguém, não conseguia conversar. Eu ficava com vergonha das pessoas [...] E no prédio, a gente foi conviver com pessoas diferentes, não eram famílias que a gente conhecia, eram pessoas diferentes e a gente teve que aprender a conviver, conhecer como

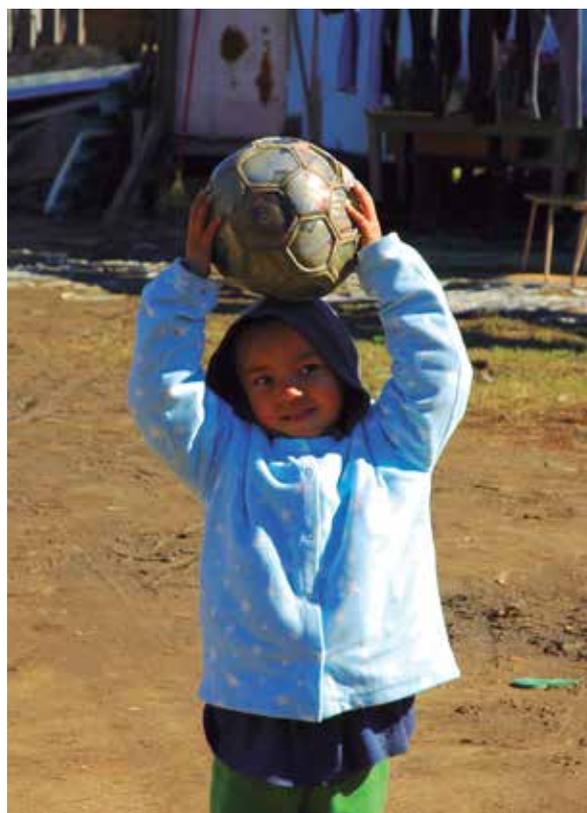


Foto: Sandra Mara de Souza

elas viviam no dia-a-dia, era uma outra realidade. Nesses quatro meses que a gente ficou lá [referindo-se à primeira ocupação no centro da cidade], nós fizemos a nossa família, foi muito bom o aprendizado. A gente conheceu pessoas que passavam a sua experiência para nós. Foi muito bom, conhecemos pessoas de outras partes do Brasil também e isso ajudou muito. Isso ajudou a entender melhor

o que a gente estava fazendo lá [...] Depois desses quase quatro anos de movimento eu amadureci muito, eu não sabia em que tipo de realidade eu vivia [...] Eu aprendi que é a nossa luta, que a gente tem que lutar pelo direito de ter a nossa casa, a nossa moradia [...] se a gente não tentar, não vai conseguir. Se esse barco afundar, eu quero afundar junto, lutar até o final [...]”. (homem, 33 anos)



Foto: Pamela Ferrer



Foto: Pamela Ferrer

É na relação que os sujeitos se afetam, se modificam e se constituem como seres de um determinado grupo social e cultural. As diferentes origens das pessoas, as diferentes experiências anteriores, seus valores e características pessoais fazem da Ocupação uma grande escola de convivência humana. Cada um deve se reorganizar em um novo nível pessoal e social, como morador da Ocupação e militante do MNLM.

Neste processo, a linguagem cumpre um papel central na comunicação entre os indivíduos e no estabelecimento de significados coletivos que constituem uma determinada visão de mundo, fundamentais para o estabelecimento de objetivos comuns, como o engajamento dos sujeitos à luta. Entendemos o diálogo como um movimento agregador, de sabedoria, que conserva suas forças e também produz novas forças, capaz de fazer frente aos discursos que imobilizam e inviabilizam novas ações de luta.

“O que nós queremos é que as pessoas continuem a pensar o mundo, mesmo que venham a deixar o movimento, quando conseguem um lugar para morar, quando conseguem um emprego. Não dá pra pensar que é porque ele resolveu o seu problema que não precisa mais se envolver nas lutas [...] Eu não posso escolher não mudar o mundo, porque a gente está sempre participando dele, querendo ou não, então eu posso ao menos pensar em como eu quero mudar o mundo”. (homem, 26 anos)

Reconhecendo-se pela narrativa como seres condicionados e não determinados historicamente, os sujeitos ultrapassam as “situações-limite” que os aprisionam a uma realidade aparentemente imutável. No momento em que

ganham distância para ver sua experiência, se revelam dimensões concretas e históricas que os desafiam a buscar a superação e a construir “inéditos viáveis”, concebidos como um sonho que pode ir ganhando potência de realização (FREIRE, 1987). Ao mesmo tempo, a ação de narrar produz transformações no sujeito que se empodera (FREIRE e MACEDO, 1990), que se vê cada vez mais protagonista de sua história.

Entendemos essa partilha de memórias como um processo de constituição de sentidos no qual se confere lugar e papel ativo aos participantes, narrador e ouvintes. Os sujeitos se narram na luta como protagonistas de suas histórias, ao invés de espectadores passivos de regras prescritas a eles.

Ao narrar-se como vencedor, o sujeito constitui uma nova visão de si e de novas possibilidades de luta, transformando sua posição nas relações de poder. Desse modo, é possível pensar que novas representações sociais do Movimento e outras posições de sujeito vão sendo inventadas nas narrativas que se contrapõem as imagens de oprimido e invasor.

O poder transformador da narração se constitui a partir da memória das experiências compartilhadas. Entre o narrador e sua matéria – a vida humana – está a tarefa de trabalhar a matéria prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a em outras possibilidades de ser, sentir, pensar, viver, tornando os sujeitos sempre mais protagonistas de suas vidas e lutas. Esse foi o processo que pudemos capturar e contribuir através de nossa ação junto aos moradores da Ocupação 20 de Novembro do MNLM. ◀

Referências

BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante e a participação da pesquisa. In Brandão, C. R.; Streck, D. R. **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.